

EPÍLOGO.

O AMOR COMO BASE DA SOCIEDADE.

O Amor e a Universidade como antídoto contra o individualismo

Eugenio Gaudio^{1*}

Resumo: O ensaio, que se destaca como o posfácio desta edição especial, sugere o amor em dois papéis fundamentais como crítica e como imaginação. O amor como crítica é devido à ciência precisar sempre ter uma visão utópica dirigida ao futuro e à emancipação humana. O amor como imaginação, porque ele deve ser o motor da Universidade, o núcleo da educação na comunidade acadêmica e o objetivo de professores que deveriam amar, a fim de se tornarem verdadeiros mestres da vida.

Palavras-chave: Amor. Universidade. Funcionários acadêmicos. Comunidade acadêmica. Emancipação humana.

Abstract: The essay, which stands as the afterword of this special issue, suggests love in two key roles as critical and as imagination. Love as critical because science must always have a utopic view addressed to future and human emancipation. Love as imagination because it must be the engine of University, the core of educating academic community and the aim of professors who should love in order to become true masters of life.

Keywords: Love. University. Accademic staff. Educating community. Human emancipation.

¹ Magnífico Reitor, Sapienza, Università di Roma (Itália). E-mail: rettore@uniroma1.it

* Autor convidado.

Apesar de abrir diariamente simpósios, congressos e meetings (testemunho da vivacidade e da vida cultural da nossa Universidade, que me permite cada dia aprender qualquer coisa e estar sempre atualizado sobre tudo o que acontece no panorama cultural contemporâneo, no nosso Campus e no nosso país), para além das formalidades, tenho que admitir que os temas do amor e do dom me interessam de modo muito especial. Nestas notas breves, que hoje nos encontramos a explicar porque este tema é realmente importante, permitindo, porém que hoje enfrentemos uma época na qual, pelo menos aparentemente, o utilitarismo, o relativismo ético, o individualismo se tornaram a medida de referência – nos interrogando mais profundamente, felizmente, pois podemos notar que não é sempre assim, e cada um de nós o pode testemunhar. Para citar o Professor Morcellini, no modelo dominante, como na valada politicamente correta, prevalecem os parâmetros eficazes, quantitativos, que conduzem frequentemente a uma análise fria que não valoriza a pessoa. A raiz filosófica deste método está na negação da gratuidade. E este é um tema que poderá parecer obsoleto, mas que, na realidade, representa ainda um modo fundamental.

Seguindo sempre as palavras do Professor Morcellini, hoje parece que para falar de amor é necessário cair na esfera privada, nas relações interpessoais, com referências inevitáveis a qualquer coisa de romântico, antigo e desatualizado. Pelo contrário, a coisa importante é conseguir compreender e demonstrar qual é a dimensão verdadeiramente pública e social do amor. De fato, se analisamos o fundamento das sociedades, se compreende que o homem é um animal social que não pode viver sem os outros e, se por amor se entende a verdadeira atenção, o interesse, a capacidade de recolher dos outros aquilo que têm de bom na alteridade, então compreendemos que o amor é a raiz da sociedade. Num momento como é aquele atual, que se segue a um período um pouco tumultuosos da evolução social e política, no qual dois materialismo se confrontaram e o homem ficou esmagado no meio, é importante fazer este tipo de reflexão. Uma reflexão que, do ponto de vista sociológico, deve partir de dois pontos: *a crítica e a imaginação*.

A *crítica* porque desde o seu início a sociologia procurou transformar e compreender a sociedade, tanto que nos levou a defender que a sociologia ou é crítica ou não existe. Mas se não quisermos a sociologia integrada, também não queremos uma sociologia pessimista, quer dizer apocalíptica. Não servem para nada os profetas da desventura. Gostaríamos, pelo contrário, que a sociologia fosse acompanhada por um sopro de utopia, que faça entrever novos

horizontes, que ajude a identificar, como também fazem as investigações do Departamento da Comunicação e Investigação Social, as potencialidades de emancipação que traz o novo.

Daqui provém a temática da *imaginação*. A criatividade também é um factor decisivo para que se arrastem vias novas para inovar o património conceitual à disposição, como o é o método de pesquisa. Penso que também para isto sirva o trabalho do Departamento CoRiS.

A este propósito, é inevitável uma breve digressão sobre o papel da Universidade hoje e pensar também sobre o significado que o amor tem para a Universidade, e para o Campus que represento. Primeiro, é importante interrogar-se sobre quem seja o professor universitário, especialmente nestes tempos de Internet e de rede, com a qual estamos submersos, assim como pela informação. Quem é o professor? Alguém que oferece informações? Pensemos a uma disciplina, mesmo científica, técnica; qualquer tipo de coisa que queiramos saber, em poucos segundos, surgem numerosos resultados que deslizam diante dos nossos olhos, postos à disposição pela rede. Portanto, o professor é uma pessoa que ensina fazer alguma coisa, um chefe de mecânica que em vez do saber nos ensina a saber fazer?

A minha resposta é não. É negativa e, se pensarmos bem, o professor universitário é o *maestro*, como se dizia antigamente. É aquele que mudou a vida a muitos de nós porque num encontro, numa lição, numa conferência inflamou-nos sobre um tema, que depois, talvez, sigamos pela vida fora. Na realidade, o professor transmite exatamente o amor, o amor por aquele determinado segmento do conhecimento, acendendo a chamazinha da paixão nos seus alunos. Quem faz isto é um maestro, quem faz isto é um professor, é aquele que indica uma estrada e que estimula aquela que, um dia, poderá ser o empenho de uma vida inteira.

Por isso, a Universidade não pode e não deve ser um lugar no qual se criam as rodas de um funcionamento de máxi engrenagem de uma sociedade que recuse e anule todos. A Universidade é o lugar no qual, pelo contrário, é necessário fazer redescobrir a beleza do saber, a beleza de dedicar a própria vida, a própria inteligência, a própria energia ao aprofundamento, ao estudo e de transmiti-lo, de criar assim uma comunidade. Por isso, usa-se falar de *comunidade académica*. A comunidade académica fundada precisamente sobre a partilha dos entusiasmos e que torna mais bonito, para além dos financiamentos, tudo aquilo que se constrói no seu interior. Senão, se todas as opções forem ditadas pelo utilitarismo e pelo individualismo, especialmente em Itália, nenhum de nós teria feito a escolha que fez. Nos tornamos professores porque se ama um determinado campo do saber, porque se ama uma determinada comunidade

com a qual partilhar um percurso. Se quisermos ter, verdadeiramente, uma comunidade educadora, uma comunidade científica, uma comunidade acadêmica, a união que deve existir – quer dizer, que deve ser reconhecida como base – é o amor. É o amor relativo a um objetivo, o amor pela investigação da verdade, que é intrínseca à investigação do saber à investigação científica, mas também o amor horizontal em relação àqueles com os quais partilho um pedaço de estrada, um percurso dá um enriquecimento contínuo recíproco.

A Universidade é especialmente purificante porque é no seu interior que se dá uma troca de gerações na qual quem é mais jovem atinge a sabedoria dos mais idosos, e quem é mais idoso atinge a vitalidade e ao entusiasmo dos jovens. Portanto, o meu desejo é este: que o tema do amor se torne também no tema da nossa sociedade acadêmica.